

# Dolto em debate

João Rodrigo Oliveira e Silva

Resenha de Luciana Pires (org.), *Françoise Dolto: cultura, psicossomática e clínica*, São Paulo, Blucher, 2023, 221p.

Françoise Dolto, aos 8 anos, formulou que queria ser *médica da educação*, nos contam diversos autores nesse livro que reúne analistas e uma pediatra para tratar de seu legado. A ideia infantil de ser *médica da educação* reverbera na apresentação da origem da vocação de Dolto e também numa visão de psicanálise interessada nas crianças. Dolto aposta, desde os primórdios, numa medicina que considera o corpo vivo e *almado* e uma educação que sublinha o papel mediador dos adultos na formação do espírito da criança. A expressão *médica da educação*, oriunda das memórias da própria Dolto, reaparece em diversos capítulos e ilustra a experiência da leitura dessa obra: na sucessão de capítulos reaparecem chaves do pensamento da autora para cada vez trazer novos aportes ou perspectivas.

O livro derivou de um evento sobre Dolto, realizado em 2018, e traz em si algo do clima de um simpósio. Lê-lo é como adentrar o auditório em que debatedores afinados apresentam suas ideias sobre a autora, ao mesmo tempo que a prestigiam. Ele está composto por onze capítulos distribuídos em três grandes temas sobre as

contribuições do pensamento de Dolto para a cultura, a psicossomática e a clínica.

A primeira parte traz três textos que percorrem fragmentos da biografia de Dolto para exaltar certo aspecto de sua inserção na cultura como uma divulgadora do saber e ética psicanalíticos para um público mais vasto, ao menos em sua terra natal. Um quarto texto dessa parte inicial interliga a ética da psicanálise de Dolto, já apresentada nos capítulos anteriores, com a dimensão expressamente clínica dessa posição e com referências à psicanálise freudiana. Articula, de certo modo, a primeira seção desse livro com a última.

Em seguida, na segunda parte, que trata de psicanálise e psicossomática, temos três capítulos que propõem a interlocução entre esses campos a partir da clínica médica, da clínica psicossomática e das neurociências.

Por último, na parte final, vêm quatro capítulos dedicados a pensar casos clínicos de Dolto. Um deles se ocupa a considerar o caso Claudine, e os outros três são devotados a analisar sessões do caso Dominique, numa série rica e detalhada de reflexões sobre um mesmo caso. Vale dizer que, ainda que tal seção final seja nomeada de clínica, os casos, vinhetas e a sensibilidade clínica comparecem no livro todo, para o deleite do leitor interessado no fazer psicanalítico.

Através dos diversos capítulos, também vale mencionar, vemos elementos que se repetem e dão a tônica da assimilação que os autores fizeram do pensamento da psicanalista. A organizadora destaca alguns desses elementos: “a relação entre corpo e psiquismo, a dialética entre verdade e o não saber, a transmissão de sua obra e a concepção de psicose” (p. 16). Eu destacaria ainda outros dois: o preceito ético e técnico de se dizer a verdade à criança e o pressuposto de que haveria um sujeito desde os primórdios da concepção.

## Dolto e a psicanálise na cultura

Com seu capítulo *O fruto da Dolto*, Whately abre o livro contando que foi Dolto “a principal

responsável pela apropriação da psicanálise no dia a dia dos franceses” (p. 9), com milhões de livros vendidos, coluna em revista, programa de rádio e uma linguagem acessível que reverberava uma inclinação a partilhar o conhecimento e a comunicar. Assim, dedicar uma parte do livro a pensar e descrever o impacto de Dolto na cultura tem, de partida, o sentido de reconhecer que esse impacto se deu para além do nicho da comunidade psicanalítica.

Como introdução, Whately ainda traz uma breve apresentação biográfica de Dolto, deixando no ar possíveis ressonâncias entre certos episódios infantis vividos pela psicanalista e seu estilo clínico posterior. Sobre esse estilo, destaca a intuição como ferramenta clínica fundamental da analista e a aposta radical na criança e no bebê como sujeitos desde a concepção. Dessa aposta, desdobra-se o lugar dos adultos como mediadores da relação desse sujeito com o mundo e com a linguagem adulta. Nessa escuta da criança como sujeito, reconhecemos – junto a Pires em seu capítulo adiante – gesto análogo ao de Freud, que se dispôs a escutar as histéricas. Ambos os gestos não apenas ampliam os atores e a diversidade das falas que podem circular no campo social, mas também, por isso mesmo, as próprias possibilidades de figuração inconsciente da experiência, suportando a vocação do psiquismo a ser um universo em expansão.

Vallim escreve o segundo capítulo, que traça um panorama da psicanálise de Dolto, dando ênfase ao seu pioneirismo. Ao olhar para sua obra, o autor vê uma produção multifacetada que divide em três perspectivas, as quais nomeia de *Dolto teórica*, *Dolto clínica* e *Dolto política*. Faz considerações sobre cada uma delas, mas é acerca da terceira que se detém mais longamente. Sobre essa, destaca o caráter desbravador da psicanalista, que queria “...fazer algo por aqueles que são o futuro de uma sociedade que nunca os ouve...” (Dolto *apud* Pires, p. 36). Menciona, em conexão com esse aspecto político, os seus textos sobre religião, sobre direito da família e sua participação em instituição escolar. Mas é sobre a criação

da *Maison Verte* – instituição que Dolto fundou voltada a “promover uma entrada menos traumática no universo escolar e na vida coletiva” (p. 35) – e sobre a participação nos programas de rádio que o autor vai entrar em mais detalhes.

Os programas de rádio são ainda mais longamente discutidos no capítulo seguinte, de Kupfer. Nele, a autora se pergunta acerca do desejo de transmitir em Dolto: transmitir o quê? De que modo? O que mobilizava esse desejo nela? Que efeitos produziu no público e crítica? Kupfer centra seu olhar nas transmissões radiofônicas dos dois anos de programas diários em que a psicanalista francesa respondia às cartas de ouvintes pedindo conselhos sobre os cuidados com as crianças. Para responder às indagações mencionadas acima, Kupfer recorre à biografia de Dolto e a um episódio em particular de infância que sugere que seu desejo de transmitir falava de suas percepções como criança sobre o quanto os médicos e adultos não compreendiam as crianças como ela. Tratou-se de um episódio vivido aos oito anos junto ao seu irmão. “Tendo presenciado uma briga entre a babá e a cozinheira, o menino vomitou. Chamado o médico, seu irmão foi posto em dieta. Mas Dolto havia compreendido que o vômito era apenas uma reação ‘emocional’... e que o mais importante teria sido dar novo alimento ao irmão...” (p. 47). Assim, seu desejo de transmitir se configuraria como expressão de um desejo de comunicar aos pais e médicos algo que sabia sobre as crianças. E duas coisas que sabia era que se fazia necessário escutar a criança com atenção, respeitando seu desejo singular e reconhecendo seu direito a desejar, independente da realização do dito desejo. Igualmente sabia que a verdade deveria ser dita à criança, pois confiava que o traumático era o não enunciado, ao passo que a verdade dita não o seria (como que renovando a compreensão ferenciana sobre o poder traumático do desmentido).

Quanto aos efeitos de seus programas de rádio, um deles, a *doltomania* – a ascendência na cultura popular daquilo que Dolto transmitiu das formas de cuidar e se relacionar com as crianças – foi duramente criticada. Em seu capítulo,

Kupfer apresenta e rebate de modo contundente algumas dessas críticas.

Encerrando a primeira parte do livro, temos o capítulo da organizadora. É um capítulo que merece uma leitura detida para além do contexto do livro pois, se o texto gira em torno da clínica de Dolto, ele aponta também para questões sofisticadas de toda a clínica psicanalítica. Com ousadia, a autora se propõe a pensar “o estatuto da verdade na psicanálise e no encontro humano” (p. 62) a partir da indagação sobre o que Dolto pretende quando diz que se deve dizer a verdade às crianças. E a resposta que dá é muito interessante.

Pires inicia o capítulo com um recorte dos diálogos entre o *Pequeno Hans* e seu pai, registrado no relato freudiano do caso. Nele, ilustra o que seria uma situação típica de validação ou desvalidação do estatuto de verdade da fala da criança. Numa conversa entre os dois, o pai de Hans, desconfiado e numa posição adultocêntrica, começa tratando a fala do filho como uma mentira de um impostor para, aos poucos, reconhecer que haveria ali algo mais que uma mentira e que “tudo que a gente diz é um pouco verdade” (p. 63), dando lugar a uma compreensão mais psicanalítica da verdade. Em seguida, Pires propõe compreender que, para Dolto, dizer a verdade à criança tratava mais de aceitar e sustentar uma posição de receptividade num lugar de não saber do que de possuir um saber sobre o outro. Seria “...a sustentação ética de uma analista ‘castrada’ (em seus próprios termos), cujo bom trabalho se dá na afirmação de reconhecer haver um sentido no gesto do paciente que, no entanto, desconhece...” (p. 65). Uma analista que dizia “eu sei que o que você faz tem algum sentido, mas não consigo entender” (p. 67).

Mas o texto não para por aí, e a autora avança na articulação entre Dolto e Freud ao comparar esse modo de se posicionar frente à verdade àquilo que Freud propõe com a concepção das *construções em análise*. Concluindo seu texto à moda das considerações de Dolto sobre a família e a televisão, a autora ainda nos oferece um exercício precioso de diferenciação entre as *construções em*

*análise* e as *fake news* dos dias atuais. Com isso, encerra com vigor a primeira parte do livro.

## Psicossomática, psicanálise e imagem inconsciente do corpo

Abrindo a parte seguinte sobre psicossomática, temos *Dolto e adoecimentos do corpo: reflexões de uma pediatra geral*, um texto de Fuks que, como pediatra, procura extrair os benefícios do diálogo da medicina com a psicanálise e, em especial, com a perspectiva de Dolto. Aborda, em seu texto, três tópicos de clínica médica. O primeiro seria o recente aumento das estatísticas dos transtornos de desenvolvimento, para o qual lança uma hipótese vincular que explicaria, ao menos em parte, esses casos. Tal hipótese seria de que haveria algo como uma “lacuna de comunicação” (p. 82) no cerne desses quadros. Tal problemática, da comunicação e suas falhas, como já pôde-se perceber nos primeiros capítulos, desempenhou um papel relevante na concepção de Dolto sobre os adoecimentos. O segundo tópico seria uma reflexão em torno da posição médica e parental frente às situações de diagnósticos síndrômicos. Congruente à perspectiva de Dolto, Fuks enfatiza o esforço de poder guardar um olhar para a potência do corpo e não apenas às suas limitações, de modo a mantê-lo “íntegro na percepção psíquica da criança” (p. 86). Por fim, o terceiro tópico abordado seria a respeito da abundância atual de suspeitas de alergia alimentar. Se pergunta se seria uma “reação ao excesso do mundo, um mundo que para muitos pode ser potencialmente indigesto” (p. 87). Nas três discussões, transparece a compreensão da autora do papel da pediatra na sensibilização dos pais para compreensões mais subjetivantes e simbólicas dos processos somáticos vividos por seus filhos.

No capítulo seguinte, *Imagem inconsciente do corpo e psicossomática*, Ranña se propõe a falar sobre três tópicos também: a relação de Dolto com a psicanálise, em especial no que diz respeito a sua formulação sobre *imagem inconsciente do corpo*;

a relação dela com a psicossomática e, por fim, com a psiquiatria infantil. Dos três, é o segundo que se destaca pelo fato de, nele, o autor apresentar um caso interessante de enurese muito grave atendido num ambulatório de nefrologia. Vemos aí o autor levantando algumas hipóteses clínicas sobre o caso que sugere poderem se articular à noção de *imagem inconsciente do corpo* e também à tese de Dolto de que “distúrbios funcionais são distúrbios relacionais” (Dolto apud Pires, p. 101).

O último capítulo dessa segunda parte sobre psicossomática resulta numa boa articulação entre neurociência, psicanálise e clínica. Fausto começa seu texto por uma introdução à problemática da relação corpo-mente apoiado tanto em Espinosa quanto no neurocientista Damásio. Assim, vai preparando o terreno para a chegada do pensamento de Dolto a partir da concepção de que a emergência de um refinamento corporal depende da experiência com um outro cuidador. E ainda mais, que o corpo como experiência de si se apoiaria originalmente na relação com um outro. Uma relação não apenas hermenêutica, de atribuição de sentido à experiência do bebê pelo cuidador, mas ontológica, de reconhecimento da própria existência do bebê com seus apelos. “O importante aqui não é tanto acertar o sentido do choro mas que a reação ou não reação a ele provoca um efeito naquele que chora que vai além da mera satisfação de uma necessidade física: ser visto ou não ser visto por um outro” (p. 111), diz o autor, em sintonia com a formulação anterior de Pires sobre a verdade para Dolto como um vetor de verdade, um sinal de busca e não palavra final e certa sobre algo. Após essa introdução ao tema do corpo, o autor se detém na noção de *imagem inconsciente do corpo* e em seu contraste e aproximação da noção de *esquema corporal*. Para tratar dessas noções apresenta dois casos: o caso Léon, atendido por Dolto, e o caso de Victor, relatado pelo neurocientista Ramachandran. Num contraste interessante, pensa a *imagem inconsciente do corpo* sendo construída na relação com o outro a partir do caso Léon, ilustrando isso tanto em sua história quanto em sua relação com a analista e,

a partir do caso de Victor, um caso de membro fantasma, procura mostrar como também o esquema corporal pode se descolar da atualidade do corpo. A partir daí, numa revisão interessante e ousada do pensamento da autora, caminha para a consideração de que “aquilo que Françoise Dolto chamou de esquema corporal e o que chamou de imagem inconsciente do corpo talvez sejam a mesma coisa, no sentido de serem parte da mesma estrutura de representação” (p. 111). Resta ainda notar que este capítulo dedica um cuidado metódico para descrever e analisar os casos clínicos, especialmente o de Dolto: caso Léon. Fazendo isso, já abre o apetite do leitor para os quatro capítulos finais do livro que se centram em considerações sobre casos clínicos da própria Dolto.

## Mergulho na clínica de Dolto

*Comentário sobre o caso Claudine, de Dolto* é o capítulo que abre a terceira parte do livro. Nele, Molloy recupera algumas notícias do início da atividade profissional de Dolto no Hospital de Vaugirard – experiência formativa na qual Dolto conheceu a psicanalista Sophie Morgenstern, que mantinha, nesse hospital, um atendimento psicológico psicanalítico no setor de psiquiatria e neurologia. Morgenstern teria orientado Dolto a receber as crianças que necessitavam de atendimento e, fundamentalmente, escutá-las. Nesse mesmo hospital, mais tarde, Dolto viria a atender casos rejeitados por outros colegas numa modalidade de atendimento com número limitado de sessões. Claudine seria um desses casos.

Molloy faz uma apresentação agradável e ampla do caso dessa menina que chega com incontinência urinária persistente, recusa de se alimentar e irritabilidade – especialmente dirigida ao irmão. Mostra como Dolto, em cinco sessões, trabalha no sentido de apostar na menina como sujeito de desejo e escolha e não como alguém sob risco iminente. Mostrava aos pais essa faceta da filha pois a condição da menina os afligia bastante, já que reconheciam nesse estado ecos de

uma série de falecimentos familiares por tuberculose. A primeira interpretação da analista, que organiza o percurso do trabalho, era de que seria “preciso ajudá-la a crescer” (p. III).

O caso é muito rico e Molloy expõe e decompõe suas cinco sessões com atenção a filigranas do caso e das intervenções da analista. Não nos prolongaremos nesses detalhes, que são muito proveitosos e dialogam com o caso de forma respeitosa e enriquecedora.

Após acompanhar o caso Claudine, chegamos à série final de textos que se ocupam do caso Dominique. No primeiro deles, Braga apresenta o contexto do caso Dominique e algo da visão de Dolto sobre a psicose como uma posição de impossibilidade de “habitar um código que é compartilhado com um outro, e a partir disso comunicar-se” (p. 162). Inicia, então, a descrição da sessão em que Dolto recebe Dominique pela primeira vez e do histórico familiar desse jovem psicótico. As vinhetas desse atendimento que surgem são deliciosas, mas ao invés de prosseguir apenas acompanhando o caso, Braga parte dele para apresentar a compreensão de Dolto sobre o início do desenvolvimento e o importante papel do ambiente nele. Em seguida, se detém a explicar o interessante conceito de *castrações simbologênicas*, conceito que explicita a importância da simbolização no pensamento de Dolto. Seria esta que protegeria dos desastres, de modo que perdas e sofrimentos seriam possíveis se possíveis fossem suas simbolizações. Na impossibilidade delas, se tornariam catástrofes psíquicas. Daí a importância das *castrações simbologênicas* como matrizes para a possibilidade de simbolizar e exercícios mesmos de simbolização. Seriam “proibições que oferecem efeitos simbolizantes, que então ‘castram’ uma certa modalidade de gozo, para abrir espaço para novas conquistas e prazeres” (p. 170) e, ao fazer isso, junto dos efeitos simbolizantes, organizariam a imagem inconsciente do corpo. Após essa incursão conceitual, a autora retorna ao caso Dominique para ilustrar o que seriam falhas nessas castrações.

Na sequência do livro, temos o capítulo de Carrijo. A autora propõe uma revisão minuciosa

da segunda sessão da análise de Dominique, incluindo um sonho nela relatado. Antes de entrar no caso, faz uma recapitulação das noções de *imagem inconsciente do corpo*, de *castrações simbologênicas* e apresenta o conceito de *narcisismo fundamental*, o qual expressa a ideia de Dolto de que a unidade do sujeito, a seu ver, seria primordial. Só então adentra a sessão. Mas o faz para valer, se postando ao lado de Dolto e acompanhando a sessão passo a passo, construindo suas hipóteses, considerando e ponderando as interpretações de Dolto e ainda evocando os elementos teóricos necessários para subsidiar essa revisão. Vemos assim uma ampliação da sessão de análise de Dominique pelas associações atentas de Carrijo. Vemos também como nós, leitores, vamos, a cada capítulo, ganhando familiaridade com o caso e com o pensamento clínico de Dolto.

Finalmente, encerrando o livro, Al Assal traz *O caso Dominique e os pais na análise de crianças*. A autora analisa as derradeiras sessões de Dominique e seu desfecho infeliz. O encerramento do caso problematizado pela autora revela uma situação frequente na clínica infantil e de adolescentes na qual a análise é interrompida pela decisão unilateral de um dos pais ou de ambos, mesmo que contra aquilo que pareceria o melhor para a criança de um ponto de vista analítico ou da própria criança. No caso de Dominique, é o pai, inicialmente disposto a sustentar a análise do filho, quem recua. A autora desenreda as duas últimas sessões do caso: a penúltima, na qual se tem notícias da melhora do paciente e a última, na qual o encerramento do trabalho se consuma com a anuência de Dolto. Os detalhes do diálogo da analista com os pais e com Dominique e as comunicações que surgem nesse momento final da análise são instigantes e bonitos. Nota-se, pelo relato de Dolto, sua transição da posição inicial que afirmava a necessidade de prosseguir a análise para outra posição que considerava que, sendo o pai contra a continuação da psicoterapia, isso poderia ser, se não benéfico, ao menos tolerável para o jovem.

Dolto compreende os eventos à luz de sua visão teórica de que o lugar do pai deveria ser

reforçado, respeitado e preservado, e de que a decisão dele tinha o sentido de uma castração importante, um ‘desmame’...de Dominique com a analista (p. 207).

Mas Al Assal nota que “Dolto pode ter ignorado que havia na decisão do pai naquele momento mais destrutividade e mutilação do que cuidado e investimento no crescimento do filho” (p. 210) e que sua tentativa de preservar o lugar do pai referia mais a um lugar desejado que ele ocupasse do que ao que efetivamente ocupava. A partir dessa perspectiva, a autora relê os acontecimentos da sessão e as comunicações finais de Dominique como o reconhecimento pelo paciente do desinvestimento paterno nele e como o anúncio do temor de perder-se, sem o tratamento.

Ao tecer essa crítica às opções clínicas de Dolto nesse fim de caso, Al Assal faz coro à

própria Dolto que, posteriormente, “teria se arrependido profundamente da não continuidade do tratamento” (p. 215). Com isso, conclui o capítulo que tem a qualidade de encerrar o livro trazendo Dolto para um lugar menos idealizado e mais próximo dos desafios e dificuldades que todos nós, analistas, enfrentamos. Assim, num livro que reverencia essa grande analista, seu desfecho situa Dolto ao nosso lado, lembrando o quanto sua genialidade nutria-se das dificuldades da clínica.

Com o fim do livro, resgato a imagem evocada no início da resenha e, com ela, a sensação de termos assistido a um simpósio que nos oferece uma porta de entrada gratificante ao universo do pensamento de Dolto. Ideias e histórias instigantes nos convidando a revigorar a clínica e a posição do psicanalista frente aos seus pacientes, suas teorias e à comunidade à qual pertence.